

'Drummond é um oceano'

/ MEMÓRIA /
Segundo professor da **Unicamp**, poeta mineiro influencia obrigatoriamente toda a poesia contemporânea

"Drummond é um personagem importante dentro do modernismo brasileiro, transi-

ta com desenvoltura pela escrita mais livre, levando em conta a forma de falar do povo brasileiro, em uma obra muito bem estruturada", analisa o professor Ricardo Gaiotto de Moraes, da Faculdade de Letras da PUC-Campinas. "Ele adere ao modernismo, mas tem consciência da necessidade da construção da poesia." Segundo Moraes, Drummond fala da infância em Itabira, do amor, sem incorrer no sentimentalismo. "Muitas vezes termina ele o poema com uma espécie de piada, mas de gosto amargo. Um exemplo é o

poema *Quadrilha* (leia ao lado)", aponta. "Tem também o tema da guerra, presente no livro *Rosa do Povo*. Nessa fase o poeta abandona a frieza da poesia não sentimental e trata das questões sociais. Usa a literatura para prover alguma esperança, lembra o papel social da poesia, como fator de

Morte foi 12 dias após a mulher, Julieta, sucumbir a um câncer

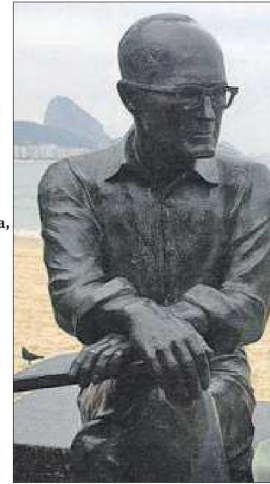
resistência. Um exemplo é o poema *Aporo*: "Um inseto cava/ cava sem alarme/ perfurando a terra/ Sem achar escape/ Que fazer exausto/ Em país bloqueado..."

Produção

Carlos Drummond de Andrade deixou uma vasta produção literária, em torno de 43 títulos de poesia, crônica e antologia poética; quatro infantis e 20 de prosa. Natural de Itabira, foi para Belo Horizonte estudar. Lá, em 1925, casou-se com Dolores Dutra de Moraes, com quem teve dois filhos, Carlos Flávio, que viveu apenas meia hora e



O poeta em caricatura de Fabiano Carrero, e em estátua na praia de Copacabana, no Rio



Fotos: Cedoc/RAC

QUADRILHA

de Carlos Drummond de Andrade

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para o Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto
Fernandes
que não tinha entrado
na história.

"Nenhum poeta brasileiro contemporâneo escolhe ser ou não ser drummondiano — Drummond é como um oceano de onde toda a vida sai, inevitavelmente."

EDUARDO STERZI
DE CARVALHO JR.

Professor de Teoria Literária da Unicamp

a quem é dedicado o poema *O que Viveu Meia Hora*, e Maria Julieta Drummond de Andrade. Drummond morreu no Rio de Janeiro,

em 17 de agosto de 1987, por infarto do miocárdio e insuficiência respiratória, 12 dias após a morte de Maria Julieta, vítima de câncer. (Delma Medeiros/Da Agência Anhangueira)

PONTO DE VISTA

EDUARDO STERZI DE CARVALHO JÚNIOR

Professor do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp.

Poeta completo

"Drummond é o poeta mais completo da literatura brasileira. Na sua obra, que atravessa grande parte do século 20, encontramos uma variedade assombrosa de registros e estilos, temas e perspectivas, diálogos e inovações. Neste sentido, vejo Drummond como

um artista na linha de Picasso, em que a invenção permanente não se descola do conhecimento profundo da tradição, e em que a pluralidade, mais do que a unidade, define a personalidade criativa. Desde seu primeiro livro, *Alguma Poesia* (1930) verifica-se amor e política, tom coloquial e dicção sublime, voz pessoal e horizonte coletivo, concatenando-se, dialeticamente, página após página. Essa vocação plural, exercida como foi, com uma força poética para a qual não encontro outra palavra que genialidade, faz com que possamos reconhecer em Drummond algo como uma origem múltipla de todas as mais importantes tendências da poesia posterior escrita no Brasil. Nenhum poeta brasileiro

contemporâneo escolhe ser ou não ser drummondiano — Drummond é como um oceano de onde toda a vida sai, inevitavelmente. Ele é o grande poeta dos impasses sociais e políticos da sociedade brasileira. Nenhum autor cantou como ele os dilemas que atravessam o nosso país desde o nosso "descobrimto" até os diversos presentes com sensação de derrocada que vem se sucedendo desde então. Ninguém cantou, com a potência de Drummond, a passagem de um Brasil rural e escravagista para um Brasil urbano e capitalista. Ninguém cantou, como ele, o quanto, por trás do que parece avanço rumo à modernidade, o emperro permanece. Daí que, em tantos

momentos de sua poesia, de *No Meio do Caminho* a *A Máquina do Mundo*, ele figure, numa espécie de pulsão alegórica incessante, um sujeito que se desloca por um território real ou imaginário e que, subitamente, se vê impedido de seguir viagem. É o que chamo de poética da interrupção. Dentre os poetas brasileiros modernos, Drummond é dos mais estudados. Ele é a base de tudo — se não o estudamos, não compreendemos o que foi a literatura moderna e o que é a literatura contemporânea entre nós, brasileiros. Drummond é o caso raro de um artista grande do início ao fim. Como já disse certa feita o poeta Age de Carvalho, Drummond foi 'e grande até nos maus poemas que escreveu'."